

**NÃO SOU UM ROBÔ: A CONSTRUÇÃO DE CIBERIDENTIDADES
NO CONTEXTO ESCOLAR****I AM NOT A ROBOT: THE CONSTRUCTION OF CYBERIDENTITIES
IN THE SCHOOL CONTEXT****NO SOY UN ROBOT: LA CONSTRUCCIÓN DE CIBERIDENCIAS EN
EL CONTEXTO ESCOLAR**

Jamile Santinello¹
Aliandra Cristina Mesomo Lira²
Eliane Marin³

Resumo

A ascensão vertiginosa das Tecnologias da Informação e da Comunicação em uma sociedade global que desloca tempos e espaços configura a necessidade de uma nova e diferenciada reorganização social e o entendimento das identidades contemporâneas inseridas neste contexto. Busca-se, nesta investigação a compreensão e reflexão sobre as mudanças nas relações interpessoais geradas pela Internet e redes sociais, localizando suas manifestações no meio escolar. As voláteis e desafiadoras identidades virtuais, ou ciberidentidades, permeiam a chamada Sociedade do Conhecimento, desestruturando sistemas e questionando o futuro. A elucidação do pensamento do teórico Stuart Hall (1997; 2006), dentre outros autores, sobre a fragmentação de identidades e sua interligação com questões culturais orienta a discussão, no intento da compreensão deste novo sujeito e de seus anseios.

Palavras-chave: Identidades; Escola; Tecnologias Digitais.

Abstract

The vertiginous rise of Communication and Information Technologies in a global society that displaces times and spaces configures the need for a new and differentiated social reorganization and the understanding of the contemporary identities inserted in this context. This research seeks to understand and reflect on the changes in interpersonal relationships generated by the Internet and social networks, locating their manifestations in the school environment. The volatile and challenging virtual identities, or cyberidentities, pervade the so-called Knowledge Society, de-structuring systems and questioning the future. The elucidation of the theoretical thinking of Stuart Hall (1997, 2006), among others, on the fragmentation of identities and their interconnection with cultural issues guides the discussion in the attempt to understand this new subject and his desires.

Keywords: Identity; School; Digital Technologies.

Resumen

¹Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1136-2421> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4637552062563420>

E-mail: jamile@unicentro.br

²Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO).

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2945-464X> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1931135933077916>

E-mail: aliandralira@gmail.com

³Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Docente na Secretaria de Educação do Estado do Paraná (SEED/PR).

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4351-926X> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3948228593129904>

E-mail: elianejd@yahoo.com.br

El vertiginoso aumento de la tecnología de la información y de la comunicación en una sociedad global que cambia los tiempos y espacios configura la necesidad de una nueva y diferente reorganización social y la comprensión de las identidades contemporáneas insertadas en este contexto. Esta investigación busca comprender y reflexionar sobre câmbios em las relaciones interpersonales generadas por Internet y las redes sociales, ubicando sus manifestaciones en el entorno escolar. Las identidades virtuales volátiles y desafiantes, o ciberidentidades, impregnan las llamadas Sociedad del conocimiento, interrumpiendo sistemas y cuestionando el futuro. El esclarecimiento del pensamiento del teórico Stuart Hall (1997; 2006), entre otros autores, sobre la fragmentación de identidades y su interconexión con temas culturales guía la discusión, para entender este nuevo tema y sus anhelos.

Palabras-clave: Identidades; Escuela; Tecnologías digitales.

Introdução

Até bem pouco tempo o conceito de identidade era definido pelos teóricos com clareza e singularidade, sendo associado sistematicamente a características físicas decorrentes da formação genética e psíquica do sujeito. Contudo, nas últimas décadas percebe-se o movimento conceitual em torno do objeto, já que hoje definir identidade é algo intrínseco ao campo da subjetividade e, permanentemente, atrelado a elementos culturais. Nesta diretriz, abordaremos aqui a concepção de Hall (2006, p.38): “[...] assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. A incompletude das identidades faz com que as mesmas façam parte de um processo contínuo que, segundo o autor, depende das formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.

Isto, de todo modo, é o que significa dizer que devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas. Elas são o resultado de um processo de identificação que nos permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles) (Hall, 1997, p. 26-27).

Seria insensato nos referirmos a uma fração da sociedade, caracterizando-a sem fazer conexões com o todo que a contém. Para que possamos conhecer um grupo dentro de uma comunidade, precisamos considerar as especificidades que envolvem a mesma, como parte de uma construção histórica e social. A análise das identidades contemporâneas só é possível com a compreensão dos fatores culturais que alinhavam a sociedade e suas estruturas a partir das histórias que as constituem.

Como lembram Gerald e Roggero (2011, p. 474), “[...] sabemos que todos os povos e grupos sociais produzem cultura e, conseqüentemente, todos os indivíduos que integram esses grupos também a possuem e, geralmente, interagem com outros grupos sociais e carregam elementos de todos eles”, ou seja, as interações promovem trocas entre as culturas e afetam a constituição dos sujeitos.

Até meados do século XX era comum definir o sujeito pelo espaço/tempo em que este se achava inserido. O espaço delineava como o mesmo deveria adequar-se aos padrões culturais impostos e os incorporava, agindo conforme o esperado. O tempo, por sua vez, garantia a apropriação dos costumes e hábitos do grupo, até a obtenção de uma “plena” identificação. Segundo Hall (2006, p. 12), nossas imagens são formadas culturalmente, constituindo-se ao longo da vida, sendo que o impacto das revoluções culturais sobre as sociedades globais e a vida cotidiana local tem causando fragmentações nunca antes

imaginadas: “[...] o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”.

Assim, o que era unificado e apresentava relativa centralidade passa a dissipar-se, fazendo com que as identidades se adaptem a depender das realidades vividas pelos sujeitos. Hall (2006) cita Ernest Laclau ao mencionar a ideia de deslocamento⁴, o qual registra que o centro de uma estrutura ao ser deslocada leva consigo o principal de si e faz surgir vários centros de poder. Além disso, precisamos atentar para o fato de que os sujeitos trazem consigo as experiências de outros grupos, criando inumeráveis interligações.

Por exemplo, a escola, como campo de relações, promove e produz os indivíduos de acordo com determinados interesses sociais: “[...] crianças e jovens quando chegam à escola já foram objeto de um conjunto de discursos, que produziram diferentes ‘posições de sujeito’, entre eles, aqueles que os constituem como consumidores, como clientes” (Costa, 2006, s.p.).

Quando nos remetemos ao ambiente escolar, especificamente nos grupos constituídos por jovens e adolescentes, podemos nos perguntar por que é tão difícil definir as identidades escolares do século XXI. Seriam elas indiferentes e superficiais? Qual a influência da sociedade contemporânea e seus afluentes tecnológicos, informacionais e midiáticos na construção dessas novas identidades? Como a escola deve agir e reagir a desafios nunca antes imaginados diante da volatilidade da nova geração? São alguns questionamentos que pretendemos problematizar neste artigo, cujas reflexões buscam a interpretação do sujeito que tem diferenciados perfis, amoldados às redes sociais e construídos coletivamente. Dados os limites desta escrita não se discute sobre grupos que, por fatores diversos, ainda não têm amplo acesso às Tecnologias da Informação e da Comunicação, mas almeja-se o entendimento e reflexão sobre os grupos já inseridos neste contexto.

Ciberidentidades e a desatropiação do conhecimento

A mencionar, no título deste artigo a frase “Não sou um robô” pretendeu-se fazer uma reflexão sobre as singulares identidades que se formam no século XXI, ou, dito de outro modo, das ciberidentidades. Na tentativa de acesso a determinados *sites* da Internet que necessitam de usuário e senha, por vezes, abre-se uma caixa de diálogo e nesta aparecem algumas imagens que devem ser selecionadas mediante a informação dada. Depois de eleger as imagens corretas, o usuário deve clicar em um ícone que diz: “Não sou um robô”, então o acesso é liberado pelo atendimento aos requisitos dessa etapa de segurança do site⁵. Contudo, também é preciso considerar a possibilidade de um *software* automatizado entrar em ação para resolver o teste. Cria-se aqui a discussão sobre a incógnita identitária que permeia a interatividade na internet. É como se o *site*, o portal, o algoritmo estivesse lidando com fantasmas na outra extremidade da rede, do outro lado da tela do

⁴ Hall (2006) apresenta as ideias de Laclau (1990) expressas em “*New reflections on there solution o four time*” para o qual as sociedades modernas, e por consequência os sujeitos que vivem nelas, não apresentam um centro articulado ou organizado, mas sim estão em constante descolamento e descentração, o que gera provisoriedade. Se, por um lado, perde-se o sentido de estabilidade, cria-se a possibilidade de surgimento de novas e diferentes identidades, recompostas.

⁵Teste de CAPTCHA (*Completely Automated Public Turing test to tell Computers and Humans Apart*), administrado por um computador e utilizado como ferramenta Anti Spam. Um tipo comum de CAPTCHA requer que o usuário identifique as letras de uma imagem distorcida, às vezes com a adição de uma sequência obscurecida das letras ou dos dígitos que apareça na tela.

computador/*tablet/smartphone*, pois não se sabe onde este usuário/participante está ou como ele é, se ele existe, como pensa, como sente. É real ou virtual?

Segundo Castells (1999, p. 40), “[...] as redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela”. O tempo e o espaço remodelados pela nova sociedade em rede possibilitam o acesso imediato ao conhecimento empírico e científico, o pertencimento virtual a vários e diferenciados grupos e culturas, o compartilhamento de ideias. Privar jovens e adolescentes de tais possibilidades é como levá-los a um parque de diversões e não permitir que brinquem em seus brinquedos, apenas contemplem o cenário e de preferência passem por seus recantos sem movimentos bruscos. Nesse sentido, o acesso às Tecnologias da Comunicação e da Informação não é mais tido como uma opção ou alternativa, mas como algo que flui do conceito de pertencimento.

A globalização de informações proporcionada pelas redes interativas de computadores vem gerindo uma nova sociedade, diferente em conceitos e estruturas. O indivíduo mecanicamente preparado para realizar tarefas repetitivas e seriadas, proveniente de um sistema industrial agressivo, voltado ao consumo desenfreado, foi desprovido da formação reflexiva e atuante, o que causou a desestruturação de valores e o desdenhamento do intelecto. A escola ficou à mercê do ensino técnico, restringindo o conhecimento a quatro paredes e a situações locais, abstraindo competências e habilidades e unificando as identidades.

Desse modo, o século XX viveu sob o domínio da pseudoracionalidade que presumia ser a única racionalidade, mas atrofiou a compreensão, a reflexão e a visão em longo prazo. Sua insuficiência para lidar com os problemas mais graves constituiu um dos mais graves problemas para a humanidade (Morin, 2000, p. 45).

Percebe-se, porém, que existe uma inquietação que circunda o meio educacional, ocasionada por mudanças paradigmáticas afluídas da factual Sociedade do Conhecimento, denunciando um novo e indecifrável momento histórico. O modelo educacional que perdurou por tanto tempo, exigindo do sujeito o enquadramento sócio cultural, desvanece diante das fragmentações identitárias e de suas inúmeras possibilidades. O que surge nesta nova conjuntura, adentrando o pensamento complexo moriniano, é a busca pela desatrociação da compreensão, onde o conhecimento é indispensável para sobreviver em uma sociedade em rede.

Ciberidentidades e o perigo do desvirtuamento identitário

A globalização, promovida principalmente pela Internet, concebe uma nova forma de construção pessoal, conjunta e ao mesmo tempo personalizada. As redes sociais como o *Facebook* e o *Instagram*, possibilitam que uma mesma pessoa tenha várias identidades, muitas vezes, apenas almejadas e não reais. As informações pessoais são constantemente falsificadas, como na ação de abrir uma conta no *Facebook*, onde se requer a idade mínima de 13 anos para tal, porém, percebe-se ser recorrente, adolescentes e até mesmo crianças participando ativamente da rede social, com a divulgação de idades e perfis fictícios. A imagem é fundamental neste contexto, onde a mesma pode ser alterada por meio de *softwares* como o *Adobe Photoshop*, causando o desvirtuamento de características físicas inerentes ao indivíduo e desta forma tirando dele aquilo que o constitui e o faz único. Também, verifica-se

a construção de discursos, onde textos, normalmente com abreviação de palavras, são compartilhados sem preocupação com o que e a quem se diz.

Evidentemente, os sujeitos podem fazer usos subversivos dos novos aparatos. Mas para que isso ocorra não basta ter domínio sobre a linguagem das máquinas, também é preciso ter algo significativo a dizer, é necessário ter experiências a comunicar, ser membro de uma comunidade humana e ter uma memória que não recalque a violência (Maia, 2018, p. 233).

O autor alerta para o perigo da radicalização da semiformação e do ressentimento em relação à cultura, referindo-se ao pensamento de Theodor W. Adorno, resultando em violência cega, incapacidade de crítica e autocrítica, enfraquecimento da memória, da atenção e da afetividade. As possibilidades indiscutíveis que os aparatos tecnológicos podem trazer, também carregam em si o perigo eminente de um desvirtuamento identitário, onde o sujeito vê-se inadequado aos padrões estabelecidos pela sociedade e cria um personagem que seja sua representação virtual. Neste ínterim, deixa de assumir quem ele realmente é com o intuito de sentir-se aceito e receber várias ‘curtidas’, suprimindo a experiência e a autocrítica.

Castells (1999, p. 23), por sua vez, defende que nem todos criam novas identidades na *Internet* e que este fenômeno é verificado normalmente entre adolescentes como forma de experimentação:

A sociedade em rede é uma sociedade hipersocial, não uma sociedade de isolamento. As pessoas, na sua maioria, não disfarçam a sua identidade na *Internet*, exceto alguns adolescentes a fazer experiências de vida. As pessoas integraram as tecnologias nas suas vidas, ligando a realidade virtual com virtualidade real, vivendo em várias formas tecnológicas de comunicação, articulando-as conforme as suas necessidades.

Castells (1999) contradiz o pensamento pessimista crítico de que o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação promove o desligamento social do sujeito, prejudicando sua interação e causando isolamento, pois o autor fala sobre hipersociabilidade. O desarraigamento do espaço e do tempo permite que novas e muitas relações sejam criadas a partir de interesses comuns, eximindo o sujeito do afastamento social. As relações entre os indivíduos, que eram definidas no ambiente familiar, escolar e dentro de alguns grupos, são deslocadas para o todo e amplificadas pelas redes sociais e *Internet*, permitindo o compartilhamento de ideias e o acesso ao conhecimento globalizado. O isolamento social só acontecerá se estes aparatos tecnológicos forem usados inadequadamente, sem orientação e senso crítico.

Ciberidentidades no contexto escolar

As relações interpessoais, muito mais flexíveis e voláteis, acontecem dentro de contextos diferenciados, sendo trazidas inevitavelmente para o meio escolar. Alunos, professores, equipe pedagógica, agentes educacionais, pais, todos fazem parte desta nova realidade e suas identidades são construídas conjuntamente. O processo de aprendizagem não pode ser dissociado das experiências que o aluno traz consigo e que já fazem parte de sua construção. Reações que demonstram desinteresse, diante de aulas massivas, preparadas por professores que ainda veem o seu conhecimento como única e inquestionável fonte de

aprendizado, contrastam com o mundo que o aluno vivencia. O virtual passa a ser o que ele visualiza em sala de aula, por meio de conteudismos e de métodos arcaicos de ensino e aprendizagem e não o que ele vê na tela do computador, que por vezes, é muito mais real do que lhe é apresentado em sala de aula.

O maior desafio da escola é acompanhar a sociedade emergente, que desestabiliza o certo, o absoluto, o inquestionável, as verdades positivas, superando o pensamento reducionista pelas situações de questionamentos, de problematizações a partir do incerto, da dúvida, de assumir riscos, de projetar com visão construtiva (Vidal, Behrens & Miranda, 2003, p.40).

Quando buscamos a compreensão das identidades de jovens estudantes, percebemos que elas já não são mais construídas em espaços delimitados, mas em vários ambientes e muitos deles virtuais. Ouvir e repetir ‘tudo o que o mestre mandar’ não é mais atrativo para jovens interligados, que veem o mundo em rede e não desenhado em um livro didático ou descrito em um quadro negro. O local desloca-se para o global, a informação que era restrita a alguns, agora está ao alcance de todos e a qualquer momento.

Além disso, um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos (Castells, 1999, p. 40).

Existe uma troca de inumeráveis informações, verdadeiras ou não, socializadas por meio das redes interativas, reformulando a sociedade e suas teias de comunicação. O aluno, que recebia sua formação na escola e era construído dentro dela, agora é livre e autônomo para aprender o que quiser, quando quiser, onde quiser. Ele comunica-se em rede, conhece várias culturas, ambienta-se em vários locais, constrói-se e desconstrói-se constantemente, volatizando-se conforme as necessidades e os desafios encontrados. A fragmentação de identidades discutida por Stuart Hall justapõe-se adequadamente neste contexto, possibilitando ao sujeito assumir, inclusive, a sua Ciberidentidade, ou Identidade Virtual.

Nossa participação na chamada ‘comunidade’ da Internet é sustentada pela promessa de que nos possibilite em breve assumirmos ciberidentidades – substituindo a necessidade de algo tão complicado e fisicamente constrangedor como é a interação real. Ao mesmo tempo, a cultura aprofunda-se na mecânica da própria formação da identidade (Hall, 1997, p. 23).

A interação entre realidade e virtualidade constitui a multiplicidade do sujeito, que pode assumir suas identidades no tempo e no espaço ou estando fora deles. Seu perfil pode ser real ou pode assumir várias formas, amoldando-se às necessidades do momento, podendo ainda optar por expor sua vida ou assumir o anonimato. Por trás das telas de *smartphones*, *tablets*, computadores, mostram-se os verdadeiros anseios da sociedade pós-moderna e a necessidade de aceitação que, muitas vezes, sobrepuja a razão. A escola precisa estar atenta a esta realidade desempenhando seu papel formativo não apenas no âmbito intelectual, mas também afetivo, buscando a valorização da pessoa como um todo e promovendo o respeito às diferenças. As ciberidentidades não podem ser usadas como fugas da realidade, mas como

apropriação de mais um meio de identificar-se para ampliar as redes de conhecimento e as relações com outros.

A educação em um mundo de comunicação é, certamente, um desafio a todos, professores, alunos, pais, porque precisa buscar a formação do ser humano em mutação, preparando-o para viver plenamente esta sociedade que se modifica velozmente (Pretto, 2013, p. 154).

A fragmentação identitária, característica e formadora da Sociedade do Conhecimento desestrutura o longo processo histórico norteador da escola, colocando em xeque o ensino fragmentado e centrado no conhecimento do professor. O foco do aprendizado desloca-se para o aluno, colocando-o constantemente em situações de dúvidas e incertezas. O mesmo é desafiado a buscar informações e conhecimento para usar nas situações cotidianas e na resolução de problemas maiores, que beneficiem a sociedade como um todo. Para Giddens (2002, p. 74), “[...] o que o indivíduo se torna depende das tarefas de reconstrução nas quais se envolve”. Na contemporaneidade, estas tarefas são muitas e diferenciadas, permitindo uma visão de mundo muito mais abrangente e diversificada.

O desempenho intelectual do aluno não depende mais da quantidade de conteúdos exercitados e decorados com fins avaliativos, mas em como ele consegue relacionar o seu conhecimento em situações cotidianas, organizando, socializando e aplicando-o para agir socialmente. Um novo paradigma, oriundo do final do século XX, amparado pela ascensão tecnológica, geriu e continua gerindo a nova Sociedade do Conhecimento, onde saber e fazer têm valor.

Considerações finais

Compreende-se que as identidades fragmentadas de jovens e adolescentes na contemporaneidade estão intrinsecamente ligadas a questões culturais, são produto das vivências e de interações vivenciadas em grupos diversos, principalmente em redes sociais, desafiando o tempo e o espaço. A sociedade globalizada e interligada por meio das Tecnologias da Informação e da Comunicação permite a troca de experiências, discussões, produções em vários campos de conhecimento, inserções em diferenciadas culturas, viabilizando uma cadeia de possibilidades. Como expõe Leccardi (2005, p. 44), existe um estranhamento do futuro e ainda “[...] uma espécie de ‘realidade virtual’, uma realidade *in fieri* com caráter ameaçador, envolve o futuro em um manto de pesada incerteza”. Falar em ciberidentidades é reportar-se instantaneamente à contemporaneidade, mas também perguntar como estes novos sujeitos agirão e construirão o futuro.

Porém, precisamos ter em mente, que somos parte deste contexto, tendo como atribuição a orientação educacional e formativa destes jovens e adolescentes. O processo de ensino centrado no conhecimento de professores e em um amontoado de conteúdos, se dispersa diante de um novo paradigma. A Sociedade do Conhecimento requer um novo olhar para o aluno e toda a teia de informações que ele traz consigo.

A introdução de novas ideias depende, fundamentalmente, das ações do professor e dos alunos. Porém essas ações, para serem efetivas, devem ser acompanhadas de uma maior autonomia para tomar decisões, alterar o currículo, desenvolver propostas de trabalho em equipe e usar novas tecnologias da informação (Valente, 1999, p.41).

É inviável continuar insistindo em um modelo educacional antiquado, diante de tantas mudanças ocorridas nas últimas décadas, provindas da ascensão do uso das Tecnologias da Comunicação e da Informação. O uso de aparelhos eletrônicos nas escolas para potencialização do aprendizado é incontestável, o que ainda precisa ser alvo de discussões mais amplas, é como isto deve acontecer. Para tanto, as formações universitária e continuada têm papel fundamental na preparação de professores e pedagogos, que serão disseminadores de novas ideias e diferentes formas de ensinar que levem em conta as diversas formas de aprender. A compreensão deste aluno que adentra as salas de aula, interligado, fragmentado, global, e de como ele constrói seu conhecimento, só acontecerá diante do entendimento da sociedade e de suas mudanças, respeitando a construção destas novas Identidades e de suas reais necessidades.

Referências

- Castells, M. (1999). *A Sociedade em Rede* (8ª. ed., Vol. 1). Tradução de Roneide Venancio Majer com colaboração de Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra.
- Costa, M. V. (2006). Quem são, que querem, que fazer com eles? Eis que chegam às nossas escolas as crianças e jovens do século XXI. In: Moreira, A. F., Alves, M. P. C., & Garcia, R. L. (Org.). *Currículo, cotidiano e tecnologias*. Recuperado em 12 abril, 2019, de https://www.ufrgs.br/neccso/wp-content/uploads/2017/01/texto_marisa_quemsao.doc.
- Geraldes, M. A. F., & Roggero, R. (2011). Educação e Diversidade: Demandas do Capitalismo Contemporâneo. *Revista Educação & Sociedade* 32(115), pp. 471-487. Recuperado em 12 abril, 2019, de <http://www.cedes.unicamp.br>.
- Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- Hall, S. (1997). A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Revista Educação e Realidade* 22(2), pp. 15-45. Recuperado em 12 abril, 2019, de <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (11ª. ed.). Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A.
- Leccardi, C. (2005). Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. *Revista Tempo Social*, 17(2), pp. 35-57. Recuperado em 12 abril, 2019, de <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12470/14247>.
- Maia, A. F. (2018). Tecnoimagens: sobre ideologia e memória na cultura digital. In: Lastória, L. A. C. N., Cabot, M., & Zuin, A. A. S. *Teoria Crítica: tecnologia, violência, memória: diagnósticos críticos da cultura contemporânea* 1(1), pp. 221-236. São Paulo: Nanquin.
- Morin, E. (2000). *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (2ª. ed.). Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgar de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO.

Pretto, N. D. L. (2013). *Uma escola sem/com futuro: educação e multimídia* (8ª. ed.). Salvador: EDUFBA.

Valente, J. A. (1999). Mudanças na Sociedade, Mudanças na Educação: O Fazer e o Compreender. In: Valente, J. A. *O Computador na Sociedade do Conhecimento*. Campinas, SP: UNICAMP/NIED.

Vidal, S. N., Behrens, M. A., & Miranda, S. D. A. (2003). Conexão das Abordagens Pedagógicas na Sociedade do Conhecimento. In: Behrens, M. A. *Docência Universitária na Sociedade do Conhecimento* (1ª. ed.). Curitiba: Champagnat.

Recebido em: 27/02/2019

Aprovado em: 05/05/2019

NOTA:

As autoras foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final a ser publicada.